

Inserção da educação financeira na formação dos participantes da I Olimpíada Brasileira de Educação Financeira no Rio Grande do Sul

Insertion of financial education in the education of the participants of the first Brazilian Olympiad on Financial Education in Rio Grande do Sul

Wendy Beatriz Witt Haddad Carraro^a, Aurora Duarte Morossino^a, Thiago Seixas Alves^a, Eytayo Gérald Yannick Dimon^a

^a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Palavras-chave

Educação Financeira.
Olimpíada de Educação Financeira.
Educação Financeira na família.
Educação Financeira nas escolas.

Resumo

Este estudo teve por objetivo identificar como a Educação Financeira foi inserida na formação dos participantes da I Olimpíada Brasileira de Educação Financeira no Rio Grande do Sul (OBEFRS), realizada em 2019. Foram entrevistados 93 participantes, incluindo professores, familiares e outros, que acompanharam os estudantes na segunda fase da competição. Trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa quanto à abordagem do problema, descritiva quanto ao objetivo e de levantamento quanto aos procedimentos técnicos utilizados. Os resultados indicam que, enquanto as escolas privadas estão mais avançadas na promoção da Educação Financeira, as famílias ainda apresentam dificuldades para inserir o tema de forma consistente no ambiente familiar. Além disso, os professores relataram uma maior pressão nas escolas privadas para trabalhar a Educação Financeira, em contraste com as escolas públicas. Os achados reforçam a importância da integração entre escola e família no processo de disseminação da Educação Financeira, bem como a necessidade de políticas públicas mais robustas para promover essa educação de forma equitativa.

Keywords

Financial Education.
Olympiad of Financial Education.
Financial Education in the family.
Financial Education in schools.

Abstract

This study aimed to identify how Financial Education was integrated into the education of participants in the First Brazilian Olympiad on Financial Education in Rio Grande do Sul (OBEFRS), held in 2019. Interviews were conducted with 93 participants, including teachers, family members, and others who accompanied students during the second phase of the competition. The research employed a mixed-methods approach, descriptive in its objectives and survey-based in its technical procedures. The results indicate that private schools are more advanced in promoting Financial Education, while families still struggle to consistently introduce the topic in the household environment. Additionally, teachers in private schools reported a higher level of pressure to address Financial Education compared to those in public schools. The findings reinforce the importance of integrating schools and families in the dissemination of Financial Education, as well as the need for stronger public policies to promote this education equitably. This study contributes to national literature by highlighting the role of Financial Education in shaping more financially conscious citizens and promoting sustainable financial citizenship.

Informações do artigo

Recebido: 24 de outubro de 2023
Aprovado: 26 de fevereiro de 2025
Publicado: 15 de abril de 2025
Editora responsável: Profa. Dra.
Elisabeth de Oliveira Vendramin

Implicações práticas

Os resultados da pesquisa indicam que ações como a OBEF fortalecem a integração entre escolas e famílias na formação financeira dos jovens, contribuindo para decisões econômicas mais conscientes. Programas semelhantes podem orientar políticas públicas voltadas à equidade e ao fortalecimento da cidadania financeira no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi pioneira ao definir princípios para a educação financeira em 2005, incentivando a inclusão do tema nos currículos escolares em países membros, como Canadá, Reino Unido e Austrália. Esses países implementaram programas sólidos de educação financeira, proporcionando às crianças e adolescentes habilidades essenciais para gerenciar suas finanças desde cedo (OCDE, 2005).

No Brasil, o cenário evoluiu significativamente com a criação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) em 2010. A ENEF promoveu a inserção da educação financeira como uma parte essencial do currículo escolar brasileiro, com o objetivo de melhorar o conhecimento financeiro da população e reduzir os níveis de endividamento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que incluiu oficialmente a educação financeira como componente obrigatório a partir de 2020, representa um avanço significativo nesse esforço, buscando formar cidadãos financeiramente responsáveis (BNCC, 2020). Esse cenário se deve ao protagonismo da ENEF desenvolveu o Programa de Educação Financeira nas Escolas, com o propósito de diminuir a incipiência latente do tema no país (Banco Central do Brasil, 2018). Implementar a respectiva temática na base de ensino nacional representa um avanço na promoção da cidadania financeira dos brasileiros (Moreira *et al.*, 2019).

A Educação Financeira é um processo de aprimoramento sobre conceitos, produtos e riscos financeiros, que tenciona desenvolver habilidades para formar indivíduos mais conscientes e sustentáveis financeiramente (OCDE, 2005). Esse processo pode gerar impactos econômicos, sociais e ambientais (Brönstrup & Becker, 2016). A inteligência sobre finanças está relacionada ao conhecimento sobre dinheiro e às atitudes em relação a este, de forma a fazer julgamentos informados e tomar decisões financeiras efetivas (Savoia *et al.*, 2007). Ao ensinar Educação Financeira a seus alunos, a escola contribui para a formação de cidadãos que consigam realizar seus projetos de vida (Machado, 2011). Contudo, a família também desempenha papel fundamental na Educação Financeira desde a infância (Danes, 1994). A observação e participação de questões comuns sobre dinheiro influenciam diretamente no aprendizado das crianças. Cerbasi (2012) afirma que o diálogo sobre dinheiro, em casa, e o envolvimento na gestão do orçamento familiar, são práticas a serem incentivadas, para promover a conscientização dos jovens.

A Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF) foi criada em 2019 como uma iniciativa nacional voltada para promover o ensino e a prática de educação financeira entre alunos do ensino fundamental e médio. Coordenada pela Universidade Federal da Paraíba em parceria com outras instituições nacionais, a OBEF tem como objetivo avaliar o nível de conhecimento financeiro dos estudantes e incentivar a disseminação do tema nas escolas. Na sua primeira edição, a OBEF teve a participação de 14 estados e do Distrito Federal, com mais de 38.000 alunos inscritos. A competição é dividida em fases, nas quais os estudantes demonstram suas habilidades em temas como planejamento financeiro, orçamento familiar e consumo consciente. Desde sua criação, a OBEF tem se consolidado como uma plataforma importante para integrar o ensino de educação financeira no currículo escolar, ampliando o impacto dessa educação tanto nas escolas públicas quanto privadas (Universidade Federal da Paraíba, 2019).

A I OBEF no Rio no Grande do Sul, nominada OBEFRS, foi conduzida e coordenada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e envolveu 2.948 estudantes na sua primeira fase, tendo sido realizada localmente nas escolas. Passaram para a segunda fase 589 participantes, e a prova desta foi realizada no Campus Central da Universidade, no dia cinco de outubro de 2019, com 349 presentes. A terceira fase teve 45 classificados, sendo que 11 destes foram medalhistas nacionais. Diante desse contexto, este estudo tem por objetivo identificar como a Educação Financeira foi inserida na formação dos participantes da I OBEFRS. Para tanto, foi aplicado um questionário junto aos professores e familiares que aguardavam os participantes enquanto a prova era realizada.

Embora o tema da educação financeira seja amplamente discutido em pesquisas internacionais (Mireku; Appiah; Agana, 2023; Sari *et al.*, 2022), inclusive em estudos que focam nos impactos da recente pandemia (Carraro; Soster, 2022), há uma carência de estudos aprofundados em nível nacional, particularmente sobre sua aplicação em ambientes. Este estudo justifica-se pela relevância de integrar a educação financeira no currículo escolar brasileiro, como uma ferramenta essencial para formar cidadãos conscientes e preparados para gerenciar suas finanças de maneira responsável. A inserção da educação financeira em uma fase crítica da formação acadêmica, como no ensino fundamental e médio, é crucial para que os estudantes adquiram habilidades que os capacitem a enfrentar desafios financeiros, tanto pessoais quanto no mercado de trabalho (Bendavid-Hadar; Hadad, 2018).

Diante da escassez de publicações nacionais e da ausência de políticas públicas mais efetivas no que tange à educação financeira, este estudo oferece três principais contribuições. Primeiramente, reforça a necessidade da inserção da educação financeira no ambiente escolar, já que as instituições de ensino desempenham um papel fundamental na conscientização e formação dos indivíduos sobre as opções e responsabilidades que o sistema financeiro oferece (Savoia; Saito; Santana, 2007). Em segundo lugar, destaca-se a importância da realização de eventos como a OBEF, que não só promovem o aprendizado, mas também preparam os jovens para lidar com transformações do cenário financeiro contemporâneo (Klapper; Lusardi; Van Oudheusden, 2015). Por fim, o estudo contribui ao mapear as habilidades e conhecimentos que envolvem a educação financeira, integrando políticas públicas, recursos educacionais e iniciativas de pesquisa acadêmica (Mariuzzo, 2010).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Literacia Financeira e Educação Financeira no Contexto Global

A Educação Financeira é disseminada de várias maneiras, não se restringindo apenas a um conceito único entre os autores: a capacidade dos indivíduos de gerenciar o dinheiro de forma que consigam tomar boas decisões acerca dos seus recursos, em geral, é a conotação que perpassa por todos (Remund, 2010, pp. 276-295). Remund (2010, pp. 276-295), depois de muito estudar as várias conceituações sobre o tema, sintetiza-o em cinco categorias: conhecimento de conceitos financeiros; capacidade para se comunicar sobre esses conceitos; aptidão para administrar as finanças pessoais; habilidade para tomar decisões financeiras apropriadas; e investimento em planejamento financeiro, considerando possíveis necessidades futuras.

A carência de conhecimento, aliada à falta de planejamento, pode levar a dívidas inesperadas (Carvalho & Scholz, 2019); o sucesso do gerenciamento dos recursos, portanto, dependerá do conhecimento financeiro, da atitude e do comportamento de quem tomará a decisão (Kumaran, 2019, pp. 41-73; Savoia *et al.*, 2007). Educar-se financeiramente, embora envolva o aprendizado matemático, transcende essa busca, configurando-se também em um processo de formação de cidadãos questionadores sobre o mercado financeiro, com o intuito de prepará-los para administrar e organizar suas finanças de modo responsável, consciente e sustentável, para não se tornarem sujeitos passivos, mas sim ativos quanto ao ambiente financeiro que os cerca (Campos & Kistemann, 2013, pp. 48-56).

Adquirir e desenvolver habilidades financeiras é base essencial para evitar más escolhas com relação ao dinheiro e para resolver problemas nesse sentido, contribuindo para uma vida mais próspera e saudável quanto aos recursos (Abraham & Marcolin, 2006). Ademais, a inteligência resolve problemas e gera dinheiro, ou seja, o dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece rapidamente (Kiyosaki & Lechter, 2000).

A literacia financeira é definida como o conhecimento, habilidades e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras informadas e eficazes. Ela está relacionada à capacidade de um indivíduo de compreender conceitos financeiros, como orçamento, investimento e gerenciamento de dívidas, e aplicar esse conhecimento na prática cotidiana (Zait; Golicha, 2013). Estudos globais mostram que a literacia financeira tem impactos diretos no bem-estar econômico dos indivíduos e na estabilidade financeira das sociedades. Países como Canadá, Estados Unidos e Reino Unido lideram iniciativas globais na promoção de programas educacionais que ensinam habilidades financeiras desde a infância (Khan *et al.*, 2020).

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) definiu princípios e diretrizes para a educação financeira em 2005, encorajando seus países membros a integrar o tema em currículos escolares e em programas nacionais de educação financeira. Na última década, observou-se um aumento no número de países que implementam programas de alfabetização financeira, com o objetivo de preparar os cidadãos para lidar com a crescente complexidade dos produtos e serviços financeiros (Seeger; Wagner, 2017).

Diversos estudos mostram que a educação financeira, quando inserida no ambiente escolar, contribui significativamente para a formação de adultos mais conscientes e responsáveis financeiramente (Rajapakse, 2017). A introdução de programas como a Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF) também reforça a importância de incluir essa temática desde cedo, proporcionando aos alunos ferramentas para lidar com os desafios econômicos do futuro (Baranova, 2023).

2.2 Educação financeira nas escolas ou na família?

Prego (2010) buscou compreender as percepções de professores sobre o envolvimento da família na educação. Ele identificou que, quando comparadas, as percepções desses e de familiares diferem substancialmente. Para viabilizar, na prática, o conhecimento em Educação Financeira, as pessoas precisam aprender sobre o assunto mais cedo, desde a infância, e ter contato com o tema na escola, em disciplinas obrigatórias (Kiyosaki & Lechter, 2000). Uma vez que decisões financeiras podem gerar impactos econômicos, sociais e ambientais (Brönstrup & Becker, 2016), alfabetizar-se financeiramente desde cedo trará reflexos na conscientização sobre sustentabilidade, aliando decisões e hábitos de consumo, capacitando os indivíduos para uma adequada gestão financeira familiar, o que reforça a importância do protagonismo da escola nesse processo (Moreira *et al.*, 2019). Com a intermediação do mestre, a educação deve estar voltada para um contexto de reflexão, participação e cidadania crítica (Campos & Kistemann, 2013, pp. 48-56).

Ainda nesse prisma, relacionar os conteúdos de acordo com situações reais de aplicação, como em práticas cotidianas, por exemplo, instiga o interesse dos estudantes e auxilia no processo de desenvolvimento da consciência e da autonomia na tomada de decisão (Grando & Schneider, 2011). Complementarmente, em um estudo realizado com alunos e com professores de Matemática de escolas do município de Marau, no RS, todos os docentes enfatizaram a relevância do conhecimento em matemática financeira no exercício da cidadania financeira (Grando & Schneider, 2011). Crianças e adolescentes, dessa forma, poderiam começar a entender melhor o valor do dinheiro e de que forma chegar ao objetivo de ter independência financeira, para, na fase adulta, estarem aptos a praticarem atividades financeiras mais relevantes e de impacto nas suas vidas (Dermol *et al.*, 2018). Na escola, o processo de aprendizagem contribui para a absorção dos conteúdos financeiros, como também para a formação de cidadãos informados, que serão reconhecidos por quem são e não pelo que têm (Almeida *et al.*, 2019).

No processo de aprendizagem em Educação Financeira, assim como o papel da escola desde a infância, é necessário que a família também esteja envolvida, exercendo seu protagonismo conjuntamente, uma vez que os pais são a primeira referência dos filhos, ou seja, são o primeiro exemplo que estes seguem, seja bom ou mau (Carvalho & Sholz, 2019). Os pais influenciam as atitudes financeiras dos filhos, que aprendem comportamentos por meio da observação e da participação de hábitos do cotidiano (Danes, 1994, pp. 127-149); envolver os filhos, portanto, no orçamento familiar é uma prática a ser encorajada, mesmo que o primeiro passo seja o ganho da mesada. Esse hábito, ao longo do tempo, estimula decisões financeiras mais maduras, pois, da mesada evolui para planejamentos específicos, como viagens, até chegar no orçamento cotidiano da família (Cerbasi, 2012). Essas noções básicas praticadas no cerne familiar desde cedo é um dos fatores que vai contribuir para o desenvolvimento da criança e para a formação de indivíduos conscientes e tomadores de boas decisões no futuro, afinal, esse aprendizado será levado pela criança ao longo de toda a sua vida (Carvalho & Scholz, 2019).

A formação em educação financeira não se limita ao ensino de conceitos técnicos, como controle de orçamento ou planejamento financeiro. Ela envolve a construção de uma mentalidade crítica sobre o uso consciente do dinheiro e a adaptação a contextos econômicos variáveis. Conforme apontado por Khan *et al.* (2020), a educação financeira tem uma relação positiva com o aumento de investimentos e a formação de capital, evidenciando a importância de políticas educacionais que promovam o tema em todas as fases do aprendizado.

A integração da educação financeira no ambiente educacional, tanto nas escolas quanto em programas de extensão, como a OBEF, promove uma cidadania financeira mais ativa. A OBEF, em particular, demonstra a relevância de preparar os jovens para o futuro financeiro, ao oferecer uma plataforma para o desenvolvimento de habilidades como planejamento e investimento, alinhando-se com programas internacionais de destaque (Veena, 2022).

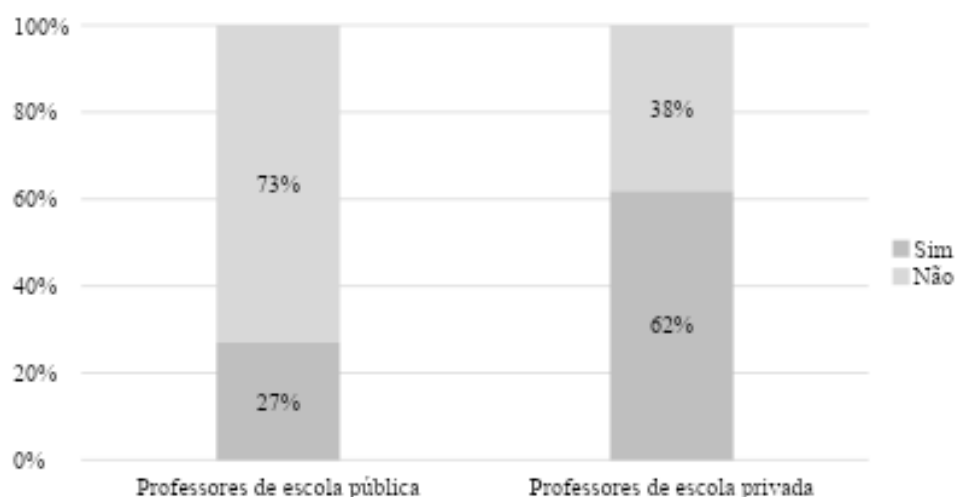
A literatura revisada reforça a importância da literacia financeira como um fator determinante para o bem-estar econômico e a inclusão social. Estudos realizados em vários países demonstram que a ausência de conhecimentos financeiros gera impactos negativos no comportamento econômico, incluindo altos níveis de endividamento e dificuldade em formar poupanças (Zait; Golicha, 2013). Além disso, os baixos níveis de educação financeira são mais prevalentes em países em desenvolvimento, o que evidencia a necessidade de políticas públicas e programas educacionais contínuos (Rajapakse, 2017). A educação financeira deve ser abordada de forma abrangente, considerando-se diferentes contextos culturais e econômicos. No cenário brasileiro, eventos como a OBEF são fundamentais para preencher lacunas e proporcionar o desenvolvimento de uma mentalidade financeira responsável, contribuindo para o crescimento econômico do país (Banco Central do Brasil, 2017).

As respostas mencionadas (respondentes 15 e 7) ilustram a compreensão da importância que os professores percebem no ensino de Educação Financeira na vida de crianças e adolescentes. Machado (2011), em seus achados, nas análises desenvolvidas com instituições de ensino escolar, afirma que o uso do dinheiro é compreendido como fundamental para formar cidadãos capacitados a realizar seus sonhos e projetos de vida. A preocupação de familiares e professores quanto ao gerenciamento do dinheiro mostra que é preciso não só promover o conhecimento em Educação Financeira, como também fazer com que ele seja praticado.

Uma forma possível de se promover essa prática, conforme afirma Cardozo (2011), é estimulando a consciência de guardar dinheiro. Educar para um comportamento de poupança, mesmo que de pequenas quantias, é importante e necessita o desenvolvimento de habilidades de manejo do dinheiro (Cardozo, 2011). Percebe-se essa consciência para importância de poupar, na afirmação do respondente 40: [o objetivo da Educação Financeira é] “preparar as pessoas para administrar seus recursos financeiros com equilíbrio e planejamento quanto às prioridades e de forma a não gastar mais do que recebe e aguardar, poupar p/ adquirir bens de maior valor”.

4.2 Percepção sobre a Educação Financeira na escola

Quando questionados sobre a presença de pressão para abordar a Educação Financeira nas escolas, a maioria dos professores de escolas públicas (73%) afirmou que não sente essa pressão. Em contraste, 62% dos professores de escolas privadas relataram perceber essa pressão de forma mais intensa. Esses resultados estão alinhados com estudos anteriores (Machado, 2011), que identificaram uma maior demanda por programas de educação financeira em instituições de ensino privadas, refletindo uma disparidade entre os setores público e privado, conforme ilustra a Figura 3.



Nota. Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2020).

Figura 3.

Percepção quanto à pressão para trabalhar Educação Financeira na escola

Nota. Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2020)

A análise mais aprofundada também revela que as escolas particulares demonstram uma maior preparação para trabalhar a Educação Financeira, com 78% dos professores dessas instituições afirmando que as escolas estão preparadas, em comparação com apenas 18% dos professores de escolas públicas. Isso evidencia uma desigualdade na capacitação e nas condições estruturais das escolas para abordar o tema, conforme evidenciado por Grando e Schneider (2011). Essa desigualdade é uma barreira significativa para a implementação uniforme da Educação Financeira no Brasil.

Ao serem questionados se a escola estaria preparada para trabalhar Educação Financeira, observou-se, entre professores e familiares, um mesmo percentual (47%), afirmando que a escola estaria apta. Uma parcela maior de professores (37%), em relação aos familiares (19%), afirmou que a escola estaria parcialmente preparada. Apenas 10% dos familiares apontaram que a escola não estaria preparada, indicando sentimento de falta confiança

na capacidade da escola. Diferente da percepção dos professores respondentes, já que 16% afirmaram que a escola não estaria preparada. A Figura 4 ilustra esta comparação de percepções.

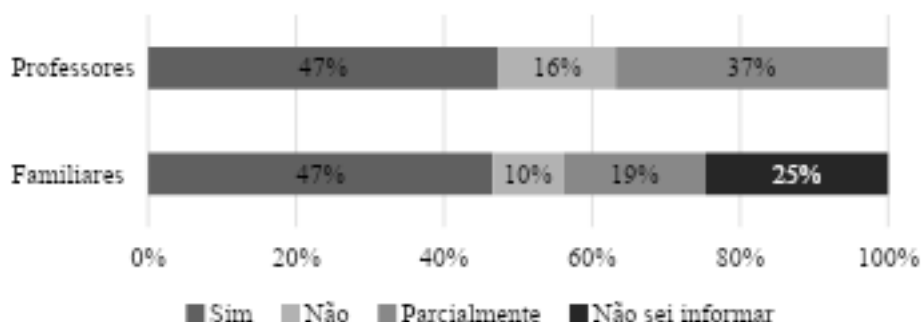


Figura 4.

Visão dos respondentes sobre o preparo das escolas para abordar Educação Financeira

Nota. Elaborado a partir dos dados da pesquisa (2020).

A percepção sobre o preparo para trabalhar a temática se altera significativamente quando comparados professores da rede privada de ensino com os da rede pública. Dos que atuam na rede privada, 78% acreditam que a escola estaria preparada; e dos que atuam na rede pública, apenas 18% acreditam que a escola estaria preparada. Observa-se esta evidência na fala do respondente 62: “Não tenho conhecimento se este tema é discutido na escola, e se for, é pouco divulgado”. Esses dados permitem inferir que: (i) os familiares desconhecem o trabalho realizado pela escola; e (ii) a escola não divulga suficientemente suas ações nesse sentido. Isso reforça o que Carvalho e Scholz (2019) apontam quanto à carência de abordagem sobre Educação Financeira no ambiente familiar, o que acaba por atribuir à escola o papel fundamental de promoção do assunto entre os alunos, a fim de que desenvolvam habilidades de análise e crítica de problemas financeiros em suas vidas.

Quando questionados sobre de que forma o tema Educação Financeira é trabalhado na escola (se em disciplina específica, em conjunto com outras disciplinas, em atividade complementar, e outras formas) a nuvem de frequência de palavras destacou matemática e disciplina como as mais recorrentes. Este resultado destaca a associação, tanto por professores quanto por familiares, do ensino de Educação Financeira à disciplina de matemática.

Quando analisado o contexto que a palavra matemática foi empregada, observa-se que o respondente 9 relaciona o conhecimento na temática com o ensino na disciplina de matemática: “Que eu saiba é conversando superficialmente em matemática”. Também foi possível perceber que os respondentes não têm muita clareza sobre a forma que o assunto é abordado, conforme menciona o respondente 47: “Acredito que o tema seja visto parcialmente com matemática. Há também palestras direcionadas aos pais”. Essas percepções dialogam entre si e com a fala do respondente 62, citada anteriormente, revelando um sentimento de falta de divulgação aos familiares. Essas percepções reforçam Grando e Schneider (2011), quando afirmam que a escola possui importância fundamental no papel de desenvolvimento desse conteúdo e da valorização deste nos currículos escolares, podendo ser estimulados com a criação de projetos de Educação Financeira, por exemplo.

4.3 Educação financeira a partir da família

Os dados sugerem uma discrepância significativa entre a percepção dos professores e dos familiares sobre o diálogo em casa em torno da Educação Financeira. Enquanto 77% dos familiares afirmaram que discutem o tema em casa, apenas 26% dos professores concordam com essa afirmação, indicando que, na percepção dos professores, a maioria das famílias não trata de educação financeira de forma regular. Essa diferença pode ser explicada pela falta de comunicação entre escolas e famílias, algo já identificado na literatura como uma barreira para o desenvolvimento de uma educação financeira integrada (Prego, 2010). Seus resultados demonstraram que os professores consideram haver algum envolvimento dos pais no sucesso escolar dos filhos, entretanto, eles percebem o nível dessa relação de uma forma diversa à percepção dos pais.

Além disso, cerca de 37% dos familiares afirmaram que as atividades escolares de Educação Financeira não envolvem a família, enquanto 63% dos professores afirmam que há, sim, algum tipo de envolvimento familiar, embora parcial. Essa discordância revela que, apesar das tentativas das escolas de engajar as famílias, a percepção

entre os dois grupos ainda é divergente, reforçando a necessidade de estratégias mais claras de comunicação entre escola e pais.

Os familiares e professores foram questionados se as atividades da escola relacionadas à Educação Financeira envolveriam a família, para a qual resultou muita diferença entre as respostas fornecidas pelos dois grupos. Dos professores, 63% afirmaram que as atividades envolveriam parcialmente a família, resposta mais frequente entre os professores. No grupo dos familiares, 37% afirmaram que essas atividades escolares não envolveriam a família. A divergência das respostas entre os dois grupos guarda relação com os achados relatados por Prego (2010). Essa relação está ilustrada na Figura 5.

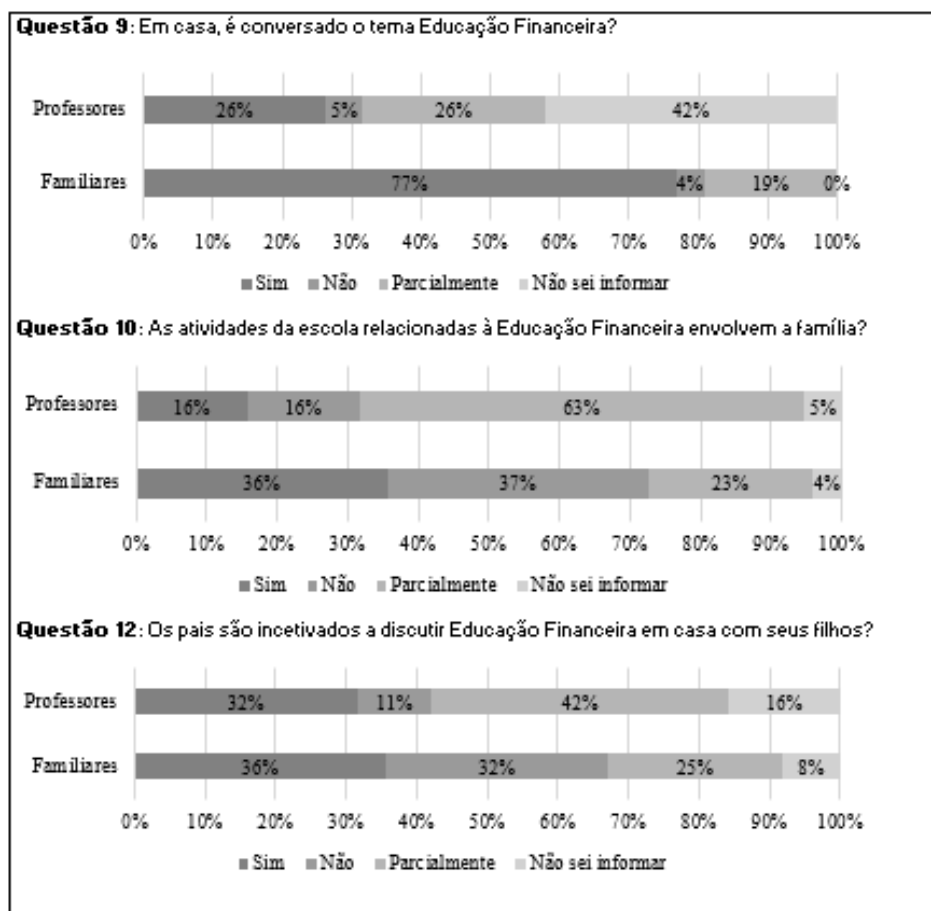


Figura 5.

Representação gráfica das questões 9, 10 e 11

Nota. Elaborada a partir dos dados da pesquisa (2020).

Os resultados apontam que a maioria dos professores acredita que há estímulo para a discussão da temática em casa. As afirmações dos professores concordam com as respostas dos familiares, já que 36% afirmaram que sim, a escola incentiva a discussão e outros 25% concordaram parcialmente com a conjectura. Dessa forma, pode-se inferir que grande parte dos familiares, semelhante ao grupo de professores, acredita que há encorajamento para a discussão da temática em casa.

Os resultados revelam que a inserção da Educação Financeira na formação dos participantes da OBEF tem impacto significativo, especialmente no desenvolvimento de habilidades relacionadas ao planejamento financeiro e à conscientização sobre o uso do dinheiro. De acordo com Baranova (2023), a alfabetização financeira proporciona uma base sólida para a tomada de decisões financeiras mais informadas. Os participantes demonstraram um aumento na percepção de que a educação financeira vai além do controle de gastos, envolvendo aspectos como investimento e o planejamento de longo prazo. Essa percepção foi corroborada por 75% dos

respondentes, que afirmaram ter adquirido uma compreensão mais ampla da gestão financeira após a participação na OBEF.

Além disso, a análise qualitativa das respostas abertas indicou que os familiares e professores reconheceram a importância da educação financeira no ambiente escolar como um meio de preparar os alunos para a vida adulta. Esse resultado reflete a necessidade de integrar a educação financeira de forma mais estruturada no currículo escolar, como sugerido por Khan et al. (2020), que destacam a relação positiva entre a educação financeira e o desenvolvimento de habilidades críticas para o gerenciamento de recursos financeiros. Os dados coletados mostram que 65% dos professores consideram que a OBEF promoveu mudanças no comportamento financeiro dos alunos, reforçando a importância do papel da escola nesse processo.

Por fim, foi possível observar que a OBEF serviu como um canal para introduzir conceitos de educação financeira de forma prática, proporcionando aos participantes ferramentas para enfrentar os desafios econômicos contemporâneos. Isso está alinhado com a proposta de Seeger e Wagner (2017), que sugerem que a alfabetização financeira deve estar integrada a uma formação mais ampla que inclui tanto o contexto escolar quanto familiar. A participação dos familiares foi essencial, pois 78% dos respondentes destacaram que, após a OBEF, passaram a discutir com maior frequência temas relacionados a finanças em casa, o que demonstra o potencial da Olimpíada para promover uma conscientização financeira mais abrangente e intergeracional.

5. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo identificar como a Educação Financeira foi inserida na formação dos participantes da I Olimpíada Brasileira de Educação Financeira (OBEF) no Rio Grande do Sul. A análise dos dados demonstrou que a OBEF desempenhou um papel significativo na promoção da literacia financeira entre os alunos, familiares e professores. Contudo, há disparidades na percepção da educação financeira entre professores de escolas públicas e privadas, bem como uma necessidade de integrar o tema de forma mais abrangente e estruturada no currículo escolar brasileiro.

Além disso, o estudo contribui para a literatura ao evidenciar a relação entre a inserção da educação financeira nas escolas e a conscientização financeira dos participantes. Khan et al. (2020) destacam que programas educacionais, como a OBEF, são eficazes em proporcionar habilidades financeiras que possibilitam uma maior compreensão de temas como orçamento, investimentos e controle de gastos. A ENEF e a inclusão da educação financeira na BNCC foram passos importantes para aproximar o Brasil das melhores práticas internacionais, embora o país ainda tenha desafios a superar em comparação com países como o Canadá e o Reino Unido (Seeger; Wagner, 2017).

Este estudo apresenta algumas limitações que precisam ser consideradas. Primeiramente, o tamanho da amostra, composta por 93 respondentes, pode limitar a generalização dos resultados para outras regiões do país. Além disso, a ausência de testes estatísticos inferenciais, devido ao foco descritivo da pesquisa, impede conclusões mais robustas sobre correlações entre as variáveis analisadas.

Futuros estudos poderiam explorar a inserção da educação financeira em diferentes contextos regionais, com uma amostra mais ampla e diversificada, permitindo comparações mais precisas entre escolas públicas e privadas em várias regiões do país. Além disso, seria relevante investigar os impactos de longo prazo da participação em eventos como a OBEF, avaliando mudanças no comportamento financeiro dos alunos ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

- Abraham, A., Marcolin, S. (2006). Financial literacy research: Current literature and future opportunities. *Internacional Conference Of Contemporary Business*, 3. Research Online - University of Wollongong. <https://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1233&context=commpapers>.
- Almeida, I. A., Borges, T. R., Barreto, M. A., Correa, F. C., Mota, G. M., Rossi, B. C., Vidal, A. V. (2019). The use of active methodologies in application of financial education in high school. *International Journal of Scientific Research and Education*, 7(9). <http://www.jsae.in/index.php/JSRE/article/view/951>.

- Banco Central do Brasil. (2018). Educação financeira nas escolas: desafios e caminhos. Cidadania Financeira. https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/docs/art8_educacao_finaceira_escolas.pdf.
- Baranova, A. Y., Appiah, M., & Agana, D. (2023). Financial literacy: Formation and development. *International Journal of Financial Studies*. <https://doi.org/10.3390/ijfs203045>
- Brönstrup, T. M., Becker, K. L. (2016). Educação financeira nas escolas: um estudo de caso de uma escola privada fundamental no município de Santa Maria (RS). *Revista Camine: Caminhos da Educação*, 8(2). <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1922>.
- Campos, A. B., Kistemann, M. A., Jr. (2013). Qual Educação Financeira queremos em nossa sala de aula? Educação Matemática em Revista, 40, 48-56. <http://sbem.iuri0094.hospedagemdesites.ws/revista/index.php/emr/article/view/299>.
- Cardozo, J. S. (2011). Um olhar sobre a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e sua potencial contribuição para a disseminação da cultura previdenciária. [Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia)]. Universidade de Brasília. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3288/1/2011_JulianadeSousaCardozo.pdf
- Carvalho, L. A., Scholz, R. H. (2019). Se vê o básico do básico, quando a turma rende: cenário da Educação Financeira no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Gestão e Inovação*, 6(2). <https://doi.org/10.18226/23190639.v6n2.05e>.
- Cerbasi, G. (2012). Como organizar sua vida financeira: Inteligência financeira pessoal na prática. Elsevier.
- Danes, S. M. (1994). Parental perceptions of children's financial socialization. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 5, 127-149. <https://www.afcpe.org/wp-content/uploads/2018/10/vol-58-1.pdf>.
- Dermol, V., Širca, N. T., Trunk, A. (2018). Financial literacy among the young. Toknow Press. https://www.researchgate.net/profile/Ales_Trunk2/publication/332511116_Financial_Literacy_among_the_Young/links/5cb887534585156cd7a246b2/Financial-Literacy-among-the-Young.pdf#page=109.
- Estratégia Nacional De Educação Financeira. (2008). Plano Diretor. Vida e dinheiro. <http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-Estrategia-Nacional-de-Educacao-Financeira>.
- Gil, A. C. (2019). Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. Atlas.
- Grando, N. I., Schneider, I. J. (2011). Educação financeira: o que pensam alunos e professores. *Revista Educação em Questão*, 40(26). <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4046>.
- Khan, M. S. R., Rahim, S., & Uddin, M. A. (2020). Is financial literacy associated with investment in financial markets in the United States?. *Sustainability*, 12(9), 3789. <https://doi.org/10.3390/su12093789>

- Kiyosaki, R. T., Lechter, S. L. (2000). *Pai rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. 10. Elsevier.
- Klapper, L., Lusardi, A. & Van Oudheusden P. (2015). Financial literacy around the world: Insights from the standard & poor's ratings services global financial literacy survey. Retrieved June 20, 2023, from http://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/Finlit_paper_16_F2_singles.pdf
- Krawczyk, N. (2002). A sustentabilidade da reforma educacional em questão: A posição dos organismos internacionais. *Revista Brasileira de Educação*, 43-62. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100005>.
- Kumaran, S. (2019). Assessing financial literacy of employed and business people in AMBO, Ethiopia: Evidence for policy makers. *Journal of Applied Finance & Banking*, 9(1), 41-73. http://www.scienpress.com/Upload/JAFB%2FVol%209_1_3.pdf.
- Lima, E. M., Marinho, M. S., Oliveira, K. N. (2020). Fatores que influenciam o desempenho dos alunos na olimpíada de Educação Financeira. Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade. 17. USP. <https://congressosp.fipecafi.org/anais/20UspInternational/ArtigosDownload/2525.pdf>.
- Machado, D. (2011). Educação financeira nas escolas de Porto Alegre. [Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. LUME - Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/33220>.
- Mireku, K., Appiah, F. & Agana, J.A. (2023) Is there a link between financial literacy and financial behaviour?. *Cogent Economics & Finance*, 11(1), 2188712, <https://doi.org/10.1080/23322039.2023.2188712>
- Moreira, F. J., Jr., Potrich, A. C., Vieira, K. M. (2019). Indicador de Educação Financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. *Educação & Sociedade*, 40. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302018182568>.
- Organização Para A Cooperação E Desenvolvimento Econômico. (2005). Recomendação sobre os princípios e as boas práticas de educação e conscientização financeira. [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomendação%20Princípios%20de%20Educação%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomendação%20Princípios%20de%20Educação%20Financeira%202005%20.pdf).
- Prego, J. (2010). As percepções dos professores face à importância do envolvimento da família na vida escolar dos alunos. [Tese (Mestrado em Psicologia)]. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Rajapakse, R. P. C. R. (2017). Financial literacy: A review. *Social Science Research Network*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3032786>
- Remund, D. L. (2010). Financial literacy explicated: The Case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *Journal of Consumer Affairs*. 44(2), 276-295. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1745-6606.2010.01169.x>.
- Savoia, J. R. F., Saito, A. T., Santana, F. A. (2007). Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 41(6). <https://doi.org/10.1590/S0034-76122007000600006>.

Seeger, G., & Wagner, P. (2017). Financial literacy – Finanzielle (Grund-) Bildung – Ökonomische Bildung. Vierteljahrshefte Zur Wirtschaftsforschung, 86(4), 481–497. <https://doi.org/10.3790/vjr.v86.i4.481>

Universidade Federal Da Paraíba. (2019). Educação Financeira para toda vida. <https://www.ufpb.br/educacaoфинanceira>.

Veena, S., & Gosh, D. (2022). A study on financial literacy among college students. International Journal of Health Sciences (IJHS), 6(1), 78-93. <https://doi.org/10.1109/ijhs322324>

Como citar este artigo

Carraro, W. B. W. H., Morossino, A. D., Alves, T. S., & Dimon, E. G. Y. (2024). Inserção da educação financeira na formação dos participantes da I Olimpíada Brasileira de Educação Financeira no Rio Grande do Sul, 18:e217621. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2024.217621>